



## **ANÁLISE DA CONJUNTURA AGROPECUÁRIA –**

### **Mandioca Safra 2014/2015**

#### **MUNDO**

A necessidade para alimentar os sete bilhões de pessoas no mundo, vem exigindo o aumento da produção de alimentos. Neste contexto estão os produtos da cesta básica e a mandioca se insere, como uma das principais fontes alimentares, em especial nos países africanos, suprimindo as necessidades da população mais carente.

Devido as facilidades de se adaptar às mais diversas condições edafoclimáticas, a mandioca vem conquistando lugar de destaque em vários países do mundo, em especial no continente africano. A África apresenta o maior crescimento desta cultura e lidera, atualmente, o ranking mundial de produção.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO- a produção mundial de mandioca continua em ritmo acelerado de crescimento. Vale destacar o aumento de produção de 2,8% em 2013 em relação ao ano de 2012. Evidentemente, que esse expressivo crescimento deve-se principalmente a forte contribuição do continente africano.

Na África, a mandioca se tornou um alimento de segurança nacional, alimenta cerca de 60% de sua população principalmente os mais carentes. Assim sendo, justifica-se a sua liderança na produção, cuja participação já ultrapassa a 50% do total mundial. Dos principais países destaca-se a Nigéria, líder absoluto, com 37% daquele continente e 20% dos 281 milhões de toneladas de mandioca em raiz, produzidas no mundo.

O principal destino da produção africana é sem dúvida o consumo humano, sob a forma “in natura”, cozida ou frita. Nestes países, a industrialização de mandioca praticamente não evoluiu, restringindo-se apenas às pequenas fábricas de farinha.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

A Ásia, também tem forte presença na produção de mandioca, com especial destaque para a Tailândia e a Indonésia. Esses países vêm aumentando os seus plantios e em conjunto já representam aproximadamente 55% do volume produzido na Ásia. Ao contrário dos países africanos que destinam praticamente toda a sua produção ao consumo humano, a Tailândia e a Indonésia contam com um considerável parque industrial de mandioca. A Tailândia concentra grandes e modernas fecularias e ocupa o primeiro lugar na produção de fécula e de “pellets”. É também o maior exportador destes dois produtos, cujo destino principal é a União Europeia e a China.

Já na América do Sul, cujo volume de produção alcançou 34,5 milhões de toneladas em 1970, estagnou nestes 42 anos na média de 30 milhões de toneladas. Destaque ao Brasil que naquele ano produziu cerca de 30 milhões de toneladas e participou com 30% da produção mundial, porém no ano de 2013 a sua quota caiu para apenas 8%. A produção brasileira se estagnou durante a última década na faixa de 22 a 25 milhões de toneladas.

A redução da produção brasileira nesse período deve-se em parte pelo menor consumo animal, principalmente pela suinocultura, cujo consumo era bastante elevado na década dos anos 70 e atualmente substituído pelas rações balanceadas. Na sequência o país se industrializou, em especial na fécula e na farinha. Assim sendo, e, considerando-se o limite de consumo desses produtos pelo mercado nacional, a produção de 25 milhões de toneladas já se constitui no limite máximo, salvo se os empresários brasileiros conquistarem uma parcela do mercado internacional. Vale ressaltar que durante as últimas décadas a Tailândia é líder nas exportações e representa cerca de 85% deste mercado, contra 2 a 3% da participação brasileira.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

Tabela 1 – Mandioca Raiz – Produção Mundial – Países selecionados (em milhões de toneladas)

PÁISES	1970	2009	2010	2011	2012	2013	PART. (%) 2013	▲% 2013/1970
ÁFRICA	40,5	123,1	134,4	147,4	149,4	158,0	57,1	290,1
Nigéria	10,2	36,8	42,5	52,4	54,0	54,0	19,5	429,4
Congo	10,3	15,1	15,0	15,0	12,0	12,5	4,5	21,4
Gana	1,5	12,2	13,5	14,2	14,5	14,5	5,3	866,7
Outros	18,5	59,0	63,4	65,8	68,9	77,0	27,8	316,2
ÁSIA	23,1	81,3	75,0	80,5	89,0	89,9	32,5	289,2
Tailândia	3,2	30,1	22,0	21,9	29,8	30,2	10,9	843,8
Indonésia	10,7	22,1	24,0	24,0	24,2	23,9	8,6	123,4
Outros	9,2	39,1	29,0	34,6	35,0	35,8	13,0	289,1
AMÉRICA DO SUL	35,5	31,4	31,9	32,1	29,2	28,8	10,4	(18,9)
Brasil	30,0	24,4	25,0	25,4	24,3	21,2	7,7	(29,3)
Outros	5,5	7,0	6,9	6,7	4,9	7,6	2,7	38,2
TOTAL MUNDIAL	99,1	237,4	243,1	261,8	269,1	276,7	100,0	179,2

FONTE: FAO, SEAB/DERAL.

## PANORAMA NACIONAL

Durante as duas últimas décadas, a agricultura brasileira passou por uma profunda transformação principalmente na produção de grãos que atualmente já se iguala aos países mais evoluídos. No campo da pesquisa agrícola, como a melhoria genética das nossas sementes, as práticas conservacionistas do solo, adubação adequada, a assistência



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

técnica oficial e privada e a disponibilidade de crédito facilitado, elevaram o país aos patamares dos melhores produtos mundiais.

Vale destacar o avanço alcançado na produtividade de milho, no Paraná, que nos últimos dez anos dobrou, passando de 3.800 kg/há para 8.000 kg/há, também se pode citar a soja, o trigo, a cevada e o arroz que no seu conjunto apresentam resultados altamente satisfatórios e competitivos com as nações mais desenvolvidas.

Diante deste comportamento, o que se observa é o avanço das lavouras mecanizadas, ocupando áreas maiores e conquistando novas fronteiras em outros estados como Mato Grosso e Rondônia, em detrimento das culturas destinadas basicamente ao mercado interno ou de cesta básica. Este fato vem contribuindo para a estagnação de plantio de mandioca, que há vários anos ocupa apenas 1,9 milhões de hectares e a sua produção não ultrapassa a 24,0 milhões de toneladas.

O Brasil já foi o maior produtor mundial de mandioca, quando atingiu 30 milhões de toneladas, no ano de 1970. Na sequência perdeu a hegemonia para a Nigéria e mais tarde cedeu o 2º e o 3º lugar para a Indonésia e a Tailândia. A produção brasileira de mandioca havia se estabilizado em torno de 25 milhões de toneladas, porém na safra de 2012/13 a redução foi mais acentuada por conta da forte seca nos estados do Nordeste. Em função da quebra no Nordeste, a produção brasileira em 2013 alcançou apenas 21 milhões de toneladas, significando a menor produção dos últimos 10 anos.

A menor oferta de matéria-prima causou uma acirrada disputa entre as feculares e as farinhas, o que resultou de imediato uma forte elevação dos preços em todos os segmentos da comercialização. O Sul do país que produziu normalmente foi o principal responsável pelo abastecimento dos estados nordestinos, principalmente com a farinha, cujo produto tem o maior índice de consumo nacional naquela região. Registre-se também que além da farinha que se destinava basicamente aos atacadistas, houve alguns negócios até de mandioca em raiz, transportada em caminhões e processada nas farinhas locais.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

O grande desafio para as próximas safras de mandioca, especificamente na Região Sul é o avanço tecnológico da mecanização, principalmente na questão da colheita, onde ainda predomina o arranquio manual. Esta questão vem preocupando os produtores de mandioca por dois motivos: a escassez de mão de obra no campo e nos últimos meses a exigência do Ministério do Trabalho para que os trabalhadores diaristas sejam registrados. Esta exigência apesar de garantir vários benefícios, cria no primeiro instante muita dificuldade para ser implantada, principalmente aos pequenos produtores.

Enfim, diante desta realidade dada a necessidade de aumentar a oferta de produtos da cesta básica, o conjunto de órgãos ligados à pesquisa tem o desafio de encontrar soluções rápidas, em especial no tocante a colheita e o plantio, visando substituir gradativamente a escassez de mão de obra no campo. Entretanto, além da pesquisa agrícola e industrial, faz-se necessário dotar de infraestrutura o meio rural para estagnar o crescente êxodo das famílias e, sobretudo dos jovens para as grandes cidades.

Tabela 2 – Mandioca – Brasil e Paraná – Área e Produção – 2007 a 2014

BRASIL			PARANÁ		PRODUÇÃO	COLOCAÇÃO
ANOS	ÁREA (1000 ha)	PRODUÇÃO (1000 t)	ÁREA (1000 ha)	PRODUÇÃO (1000 t)	PR/BR %	PR/BR
2007	1.894	26.541	150	3.400	12,8	3º
2008	1.889	26.703	179	3.900	14,6	3º
2009	1.761	24.404	153	3.660	15,0	3º
2010	1.790	24.967	172	4.013	16,4	2º
2011	1.734	25.349	184	4.174	16,0	2º
2012	1.820	23.414	178	4.087	15,7	2º
2013	1.525	21.226	162	3.866	18,2	2º
2014	1.588	23.246	177	4.075	17,5	2º

FONTE: IBGE, SEAB/DERAL.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS

Diferentemente de outras culturas, como café, algodão, trigo que são restritas à determinadas regiões, o cultivo da mandioca está presente em todos os estados brasileiros. Sua adaptabilidade as mais diversas condições endofoclimáticas do país garante à cultura da mandioca o sucesso de sua exploração. Entretanto, segundo a pesquisa os melhores resultados são obtidos nas regiões de clima mais quente e em menor período de tempo.

A concentração ocorre nos estados do Nordeste, cuja região representa cerca de 25% da produção nacional e assim como na África, no Nordeste e no Norte do Brasil a mandioca também representa a principal fonte energética para um grande contingente populacional. No Nordeste devido às frequentes secas, a mandioca aparece como a principal opção aos pequenos produtores, pois além de apresentar maior resistência possui um ciclo mais longo, o que lhe permite uma vantagem maior de recuperação frente aos demais cultivos que apresentam curto período de cultivo.

Apesar de sua exploração em todo o território nacional, existe uma diferenciação no tocante ao uso da produção. No Nordeste e no Norte o principal destino é o consumo humano, onde pode-se constatar que mais de 90% é consumida sob a forma de farinha, biju, polvilho doce e vários outros pratos extraídos da principal matéria prima que é a raiz e também as folhas que compõe um famoso prato chamado de “pato no tucupi”.

A outra grande semelhança entre as regiões Norte/Nordeste é a grande quantidade de fábricas de farinha, em sua maioria de pequeno porte, com pouca tecnologia e predominando ainda a utilização de mão de obra em todo o processo produtivo.

Na região Norte, destaca-se o Pará, cujo estado é o maior produtor nacional de mandioca. Possui centenas de pequenas farinheiras, e consome praticamente toda a sua produção internamente. Tem se destacado nacionalmente pela qualidade de sua farinha e comercializa a maioria de seus produtos em feiras livres, com destaque especial na cidade de Belém. Destaque-se, ainda, que no Norte e principalmente em Belém o consumo de



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

farinha ultrapassa a 70 kg/per capita ano, contra apenas 1kg registrado na região Sul do país.

A região Sudeste considerada a menor de todas, com apenas 10% da produção, se destaca como a principal em termos de pesquisa, a maior produtividade agrícola e o principal pólo de comercialização que se localiza no estado de São Paulo. O estado de São Paulo além de grande consumidor possui modernas indústrias de fécula e farinha e contribui, excepcionalmente, com o abastecimento do mercado Nordestino, quando a seca reduz a produção local.

Em função da forte seca registrada no Nordeste em 2013, a Região Sul passou a ocupar o 2º lugar no ranking da produção nacional de mandioca e possui o principal polo industrial do País. O estado do Paraná é o principal produtor, corresponde em média de 70% da produção agrícola na região Sul e produz cerca de 70% da fécula brasileira.

Santa Catarina já foi importante polo produtor de fécula e de farinha, porém a partir de 1980 várias indústrias foram transferidas para o Paraná. Este movimento foi deflagrado basicamente em função de grande disponibilidade de terra para o plantio de mandioca, principalmente após as geadas de 1975 que dizimaram os cafezais em nosso estado. Além disso, os governos municipais do Paraná ofereciam grandes vantagens para o empresário catarinense, destacando-se a isenção de impostos por determinado período, a terra planagem e até ajuda na construção civil em alguns casos.

Tabela 3 – Mandioca – Principais Produtores- Área, Produção E Produtividade – 2013/2014

REGIÕES/ESTADOS	ÁREA (1000 ha)	PRODUÇÃO (1000 t)	PRODUTIVIDADE (Kg/ha)	PARTICIPAÇÃO %
<b>NORDESTE</b>	580	6.012	10.366	25,9
BAHIA	178	2.088	11.730	9,0
MARANHÃO	188	1.632	8.681	7,0
CEARÁ	62	592	9.548	2,5
OUTROS	152	1.700	11.184	7,4



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

<b>NORTE</b>	520	7.836	15.069	33,7
PARÁ	331	4.780	14.441	20,5
AMAZONAS	83	965	11.627	4,2
OUTROS	106	2.091	19.726	9,0
<b>SUDESTE</b>	141	2.268	16.085	9,8
SÃO PAULO	58	1.054	18.172	4,5
MINAS GERAIS	60	859	14.317	3,7
OUTROS	23	355	15.435	1,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	74	1.352	18.270	5,8
MATO GROSSO DO SUL	40	840	21.000	3,6
MATO GROSSO	23	341	14.826	1,5
OUTROS	11	181	16.455	0,7
<b>SUL</b>	274	5.778	21.088	24,8
PARANÁ	177	4.075	23.023	17,5
RIO GRANDE DO SUL	70	1.200	17.143	5,1
SANTA CATARINA	27	512	18.963	2,2
<b>BRASIL</b>	1.54	23.246	14.629	100,0

FONTE: IBGE, SEAB/DERAL.

### PRODUÇÃO BRASILEIRA DE FÉCULA

A utilização da fécula como componente nos mais diversos produtos, impulsionou a industrialização brasileira de mandioca a partir dos anos de 1990. A partir deste período os empresários do setor investiram grandes volumes de recursos tanto no Paraná como em Mato Grosso do Sul e em menor escala no estado de São Paulo. Com o aumento do parque industrial, a produção brasileira de fécula de mandioca passou de 170 mil toneladas para um volume superior a 600 mil toneladas.

Os dados da pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA/ESALQ revelam uma capacidade industrial instalada de 18.467 tonela-



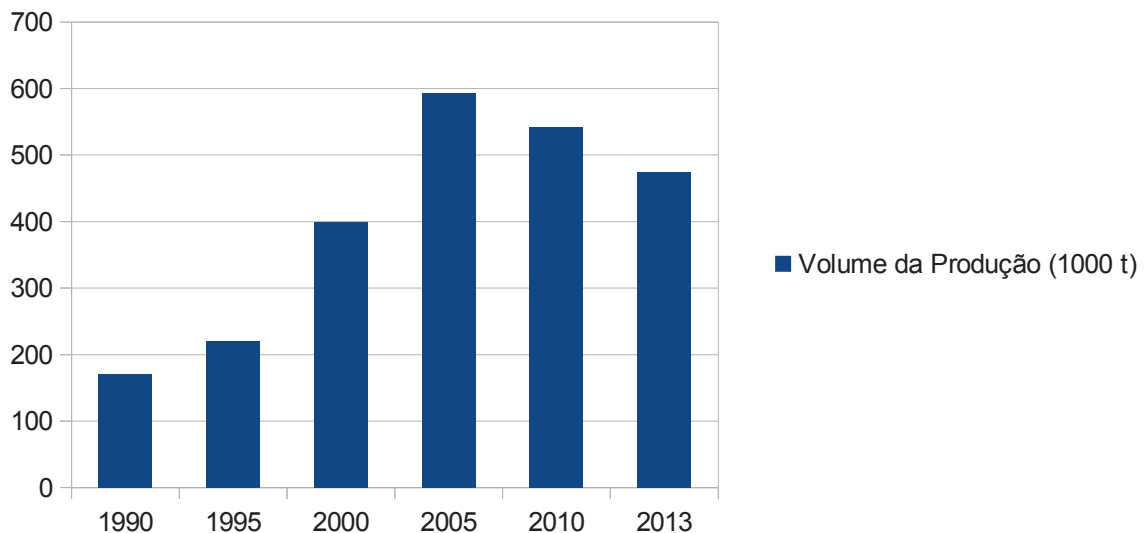


SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

das de mandioca/dia. Com a capacidade instalada, o País teria condições de produzir cerca de 1.154.000 toneladas de fécula, porém os últimos registros indicam uma produção anual de apenas 600 mil toneladas. Esse descompasso deve-se basicamente à fragilidade da oferta de matéria prima às indústrias.

A produção brasileira de fécula foi mais expressiva a partir do ano de 2000. Porém nos últimos 9 anos o volume produzido se estabilizou na média de 550 mil toneladas, o que confirma uma ociosidade média em torno de 40% ao longo desses anos. Esta ociosidade se explica pela dificuldade de uma produção agrícola estável, uma vez que cada ano vem enfrentando sérios problemas com a mão de obra.

Figura 1 – Produção Brasileira De Fécula (1000 T)

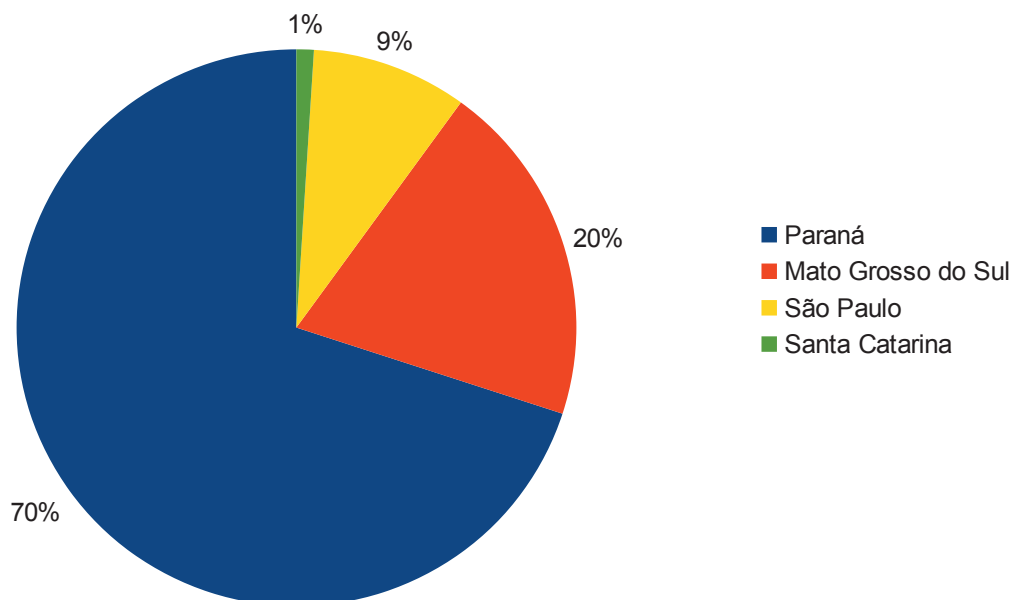


FONTE: CEPEA, SEAB/DERAL.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

Figura 2 – Produção De Fécula – Maiores Produtores 2013



FONTE: CEPEA, SEAB/DERAL

A produção brasileira de fécula no ano de 2013 registrou uma redução de 9% comparativamente a 2012. Este declínio deve-se à acirrada concorrência pela matéria-prima entre as fecularias e as farinheiras que trabalharam diuturnamente para atender a clientela principalmente dos atacadistas nordestinos. Ressalte-se ainda que a grande demanda pela farinha paranaense durante o segundo semestre de 2012 e todo o ano de 2013, foi provocada pela longa seca em todas as regiões do Nordeste brasileiro.

Tabela 4 – Fécula De Mandioca – Produção Em Estados Seleccionados – 2009 - 2013

ESTADOS	2009		2010		2011		2012		2013	
	Mil(t)	%	Mil(t)	%	Mil(t)	%	Mil(t)	%	Mil(t)	%
PARANÁ	413	71	404	75	366	71	374	72	333	70
MATO GROSSO DO SUL	81	14	81	15	89	17	88	17	95	20



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

SÃO PAULO	76	13	51	9	55	11	48	9	40	8
SANTA CATARINA	7	1	6	1	5	1	5	1	4	0,8
OUTROS	5	1	0	0	0	0	5	1	2	0,4
BRASIL	582	100	542	100	100	100	520	100	474	100

FONTE: CEPEA, SEAB/DERAL.

### DEMANDA BRASILEIRA DE FÉCULA

O mercado brasileiro tem absolvido praticamente toda a produção de fécula, com uma participação irrisória nas exportações – menos de 2% do volume produzido- e também recorre às importações de outros países. Segundo a CECEX o Brasil importou no ano de 2013 cerca de 35 mil toneladas de fécula, cuja origem foi a Tailândia e o Paraguai.

Como os preços em 2013 chegaram até R\$ 3,00/Kg de fécula, no atacado, parte das indústrias que utilizam a fécula, preferiu a substituição pelo amido de milho que se apresenta mais competitivo em relação aos valores da fécula. Do volume total de fécula produzida cerca de 30% é transformada em produtos modificados, cujo valor agregado é maior e o seu consumo também é absolvido em sua grande parte pelo mercado interno.

A fécula entra na composição de vários produtos industrializados, porém destacam-se como os principais os frigoríficos, a indústria de papel e papelão e as massa alimentícias como bolachas, biscoitos, panificação e pão-de-queijo. Destaque-se o setor da indústria alimentícia que vem crescendo e certamente demandará maiores volumes em especial de polvilho azedo.

Tabela 5 – Fécula De Mandioca – Principais Compradores (2006-2013)

CONSUMO (%)	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
FRIGORÍFICOS	19,2	23,7	13,5	16,3	17,3	13,1	13,2	16,7
PAPEL/PAPELÃO	26,3	19,7	23,5	23,8	20,0	18,2	15,8	10,1
ATACADISTAS	16,8	16,6	21,8	19,8	23,4	27,7	25,0	24,3



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

MASSAS/BISCOITOS/PANIFICAÇÃO	14,5	14,1	22,5	18,7	14,4	11,8	18,6	21,3
TÊXTIL	4,9	4,9	3,8	2,2	2,3	1,1	3,7	4,9
INDÚSTRIA QUÍMICA	6,6	3,4	3,8	2,6	2,9	2,3	4,7	1,9
VAREJISTAS	4,8	3,2	3,1	2,7	3,8	11,2	7,6	10,6
OUTRAS FECULÁRIAS	3,1	2,9	2,9	5,1	6,4	5,1	5,2	4,0
OUTROS	3,5	11,5	5,1	8,8	3,5	9,5	6,2	6,2

FONTE: CEPEA, SEAB/DERAL.

### MERCADO INTERNACIONAL DE FÉCULA

Com relação ao mercado internacional de fécula, a Tailândia continua na liderança de maior produtor e exportador de fécula, atingindo 85% do total transacionado com outros países. O principal destino da fécula tailandesa é a União Européia e no ano passado efetivou algumas vendas também para o Brasil. Segundo a Thai Tapioca Starch Association, os melhores preços da Tailândia foram alcançados no ano de 2010, quando o produto tailandês registrou o valor máximo de U\$\$ 598/t, durante o mês de Julho – FOB Bangkok.

Durante os anos seguintes 2011, 2012, 2013 os preços na Tailândia foram estabilizados na faixa dos U\$\$ 400 a U\$\$ 450/t de fécula FOB BANGKOK. Um dos motivos desta redução nos preços na Tailândia foi causado pela redução da demanda chinesa e pelo fato de outros países asiáticos ofertarem fécula a preços mais baixos.

Neste cenário internacional o Brasil praticamente não participou, pois exporta menos de 2% de sua produção que no ano de 2013 foi de 519 mil toneladas. Entretanto, os empresários brasileiros precisaram recorrer às importações que totalizou aproximadamente 35 mil toneladas no ano de 2013. Esse produto foi adquirido em sua maioria na Tailândia e uma parcela menor no país vizinho Paraguai.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

Tabela 6 – Principais Estados Exportadores – 2010/2013

ESTADOS	2010		2011		2012		2013	
	(t)	U\$\$	(t)	U\$\$	(t)	U\$\$	(t)	U\$\$
PARANÁ	2.201	2.273	2.501	2.192	3.596	3.335	2.642	2.591
SÃO PAULO	1.528	1.034	1.100	691	409	547	147	230
MATO GROSSO DO SUL	1.323	1.164	1.455	1.334	1.431	909	1.301	892
SANTA CATARINA	741	689	463	600	1.712	1.392	667	682
OUTROS	191	242	1.243	754	115	166	40	58
BRASIL	5.984	5.402	6.762	5.571	7.262	6.309	4.797	4.453

FONTE: MDIC/SECEX/ALICE E WEB, SEAB/DERAL.

### PANORAMA ESTADUAL

Após o longo período de 4 anos em que a atividade desfrutou de um cenário altamente promissor, com o retorno de muitas farinheiras ao seu processo produtivo durante os anos de 2012 e 2013 para atender a demanda dos estados nordestinos, atualmente a situação começa a preocupar não só os produtores como todos os elos da cadeia produtiva.

A maior produção de mandioca em nosso estado se concentra basicamente nos Núcleos Regionais de Paranavaí, Campo Mourão, Umuarama e Toledo. Nestas regiões os cultivos são mais tecnificados comparativamente ao restante do estado e também se concentram as indústrias de fécula e de farinha.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

Tabela 7 – Área E Produção Por Núcleo Regional – 2013/14 e 2014/15

NÚCLEOS REGIONAIS	SAFRA 2013/2014		SAFRA 2014/2015		PART.
	ÁREA (1000 ha)	PRODUÇÃO (1000 t)	ÁREA (1000 ha)	PRODUÇÃO (1000 t)	%
UMUARAMA	49	1.229	52	1.440	33,5
PARANAÍ	45	958	40	960	22,3
TOLEDO	20	629	19	551	12,8
CAMPO MOURÃO	14	253	14	259	6,0
CASCAVEL	9	247	9	252	5,9
MARINGÁ	11	232	12	278	6,5
OUTROS	24	458	28	560	13,0
TOTAL PARANÁ	172	4.000	174	4.300	100,0

FONTES: SEAB/DERAL.

### MÃO DE OBRA

De todos os fatores de produção, a mão de obra parece ser o maior complicador nos últimos anos. Além de sua escassez, as exigências trabalhistas estão mais severas nos últimos meses e os trabalhadores “diaristas” não poderão executar suas tarefas se não forem registrados. Esta exigência por parte do Ministério do Trabalho trouxe algumas dificuldades principalmente aos pequenos produtores, porém as entidades ligadas ao setor concordam com a Lei e estão buscando soluções para a sua efetivação dentro do menor prazo possível.

Com a falta de mão de obra torna-se cada vez mais urgente a pesquisa de uma máquina que possa colher as lavouras de mandioca, uma vez que as demais fases já contam com a mecanização. A menor oferta de trabalhadores no meio rural deve-se basi-



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
**DERAL - Departamento de Economia Rural**

camente a erradicação do café, cultura que utilizava grande quantidade de mão de obra, a migração da cultura de algodão para o Brasil Central e a expansão das culturas mecanizadas, forçaram os trabalhadores a migrarem para outras regiões em busca de alternativas.

Além da escassez de trabalhadores no meio rural, é importante lembrar que a mão de obra é o componente de custo de produção de mandioca com maior peso variando entre 50% e 60% na sua composição. Como a cultura da mandioca utiliza o coeficiente de 0,2 homens por hectare/ano, estima-se que na safra de 2013/2014, a cultura empregou cerca de 34.400 trabalhadores na área de 172.000 ha cultivados no estado do Paraná. Assim sendo, torna-se importante mecanizar esta cultura, porém é preciso ao mesmo tempo, encontrar soluções para não deixar esses trabalhadores sem emprego no campo.

### **RENTABILIDADE ECONÔMICA**

A euforia de ganhar muito dinheiro com a mandioca durou aproximadamente 4 anos e culminou com os maiores preços recebidos pelos produtores no mês de dezembro de 2013, quando a média estadual alcançou R\$ 550,00/t de raiz. Este período foi o mais longo de preços elevados em nosso estado e permitiu uma rentabilidade econômica acima dos custos de produção.

Para os analistas, técnicos e empresários ligados ao setor, a excelente desempenho de cadeia produtiva da mandioca deveu-se a uma prolongada seca nos estados nordestinos. A necessidade de abastecer aquelas regiões estimulou as farinheiras que estavam ociosas a trabalharem com plena capacidade, principalmente nas últimas duas safras. Esta situação acirrou a disputa pela matéria-prima com as fecularias e, evidentemente, garantia o comportamento dos preços em patamares elevados.

A partir do mês de outubro de 2013, as chuvas no Nordeste voltaram e a produção tanto de feijão, milho e também da mandioca começou a normalizar. Com a oferta local desses produtos, a produção paranaense deixou de abastecer aqueles estados e com isso os preços começaram a cair.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
**DERAL - Departamento de Economia Rural**

Para a mandioca de dois ciclos, com uma produtividade de 33.000 kg/há, a rentabilidade econômica no mês de outubro de 2014 foi de 24% sobre o custo variável e de 2% sobre o custo total de produção. Registre-se que no mês de Dezembro/2013 esses resultados alcançaram a fantástica rentabilidade de 190% sobre o custo variável de 129% sobre o custo total.

### **PREÇOS**

A pequena oscilação da área plantada durante um período de aproximadamente 5 safras, a melhora nos preços do milho e as secas do Nordeste, alavancaram o setor da mandioca que conviveu com as melhores taxas de rentabilidade. Evidentemente que um longo período de excelentes resultados, atrai a entrada de novos produtores e estimula o aumento de plantio.

Dentro deste panorama foi instalada a safra de mandioca 2013/2014, com aumento de plantio em todos os estados da Federação. A produção de milho apresentou grande aumento e as chuvas, na maioria dos estados nordestinos, foram regularizadas a partir de Janeiro/2014. Assim sendo, a produção daquelas regiões foi normalizada, os atacadistas deixaram de adquirir os produtos paranaenses e o resultado foi a drástica queda nos preços.

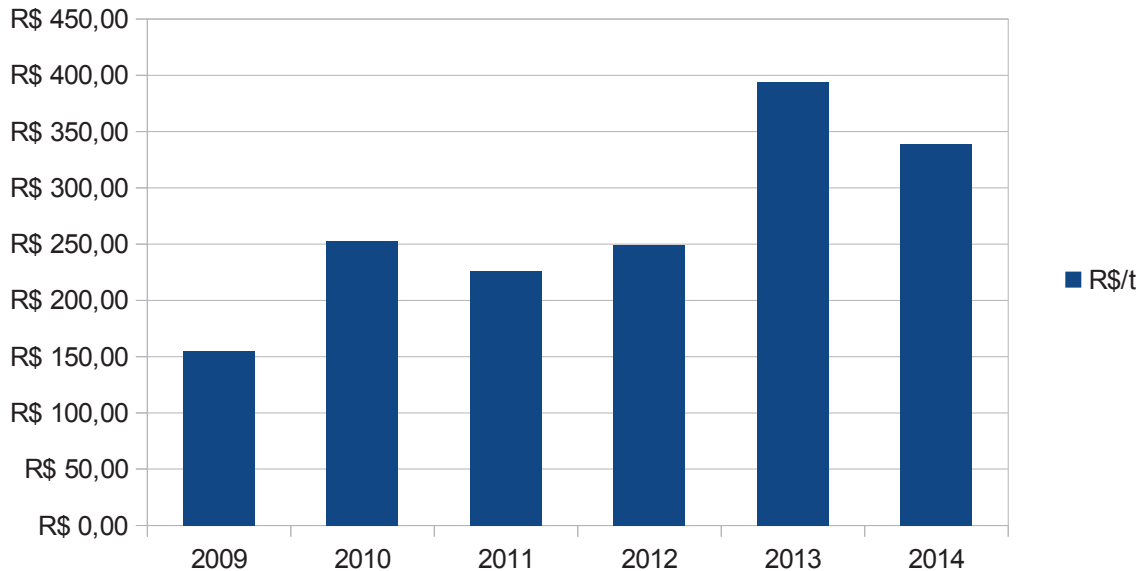
No mês de Outubro, os produtores receberam em média de R\$ 235,00/t de mandioca posta na indústria, o que significa uma redução de 46% se comparado ao mesmo período do ano passado ou 57% em relação a Dezembro de 2013. A farinha passou de 113,00 sc de 50kg para R\$ 53,00 sc de 50kg, ou seja, uma redução de 53%

Considerando-se ainda os baixos preços do milho, os altos estoques de fécula e farinha nas indústrias paranaenses, é muito provável que durante os últimos meses de 2014 esses preços se mantenham em baixa, salvo a necessidade de repor estoques dos atacadistas durante as últimas semanas do ano.





Figura 4 – Evolução Dos Preços Da Mandioca Em Raiz Recebidos pelos Produtores Paranaenses



FONTE: SEAB/DERAL.

### PROGNÓSTICO

Novamente, a variável preço será o elemento fundamental na decisão do produtor em aumentar a área de plantio, diminuir ou até mesmo não plantar. Diferentemente do ano passado, em que os produtores estavam embalados pelo sucesso e plantaram acima da demanda industrial local, este ano ocorre exatamente o inverso. Na verdade são dois os fatores principais que pesam na decisão do plantio; os preços vigentes que em certos casos já se colocam abaixo dos custos de produção e a precariedade de mão de obra disponível no campo.

Com base nos preços vigentes, considerados muito baixos, aliado com o nível dos estoques de farinha e de fécula elevados para este período do ano, já é possível vislumbrar uma tendência de plantio para a nova safra. Diante deste quadro e considerando-se a escassez de mão de obra no campo, a opinião dos técnicos e dos empresários ligados



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural

ao setor, a área de mandioca deverá apresentar uma redução em torno um aumento de apenas 1%.

O primeiro levantamento realizado pelos técnicos do Departamento de Economia Rural – DERAL, indica uma área a ser plantada, na safra de 2014/15, de 174.000 há e a produção prevista de 4,000.000 toneladas de mandioca em raiz. Esta estimativa significa uma redução de 1% na área de plantio e 1% na produção esperada, quando comparada à safra de 2013/14.